PÚLPITO CORROMPIDO

EDIÇÃO ESPECIAL LUXO

efraim

Copyright do texto © Editora Efraim, 2025

ISBN: 978-65-986337-6-9

Primeira publicação em Vitória da Conquista, Brasil.

2025

PÚLPITO CORROMPIDO

1ª Edição

Todos os direitos da obra

Púlpito Corrompido reservados à Editora Efraim.

Revisão: Editora Efraim
Capa: Évio Couto
Diagramação: Luh Celestty

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Efraim, Editora (org.)

Púlpito Corrompido / organizado pela Editora Efraim.

1. ed. – Vitória da Conquista: [s.n.], 2025.

Diagramação: Luh Celestty

ISBN: 978-65-986337-6-9

1. Igreja – Corrupção. 2. Liderança religiosa – Críticas.

3. Teologia prática. I. Título.

CDD: 253

Índices para catálogo sistemático

Igreja: Crítica e liderança – 253 Corrupção religiosa – 261

SUMÁRIO

Um esclarecimento necessário 9

Um chamado à restauração 13

Introdução 17

Capítulo I: Como o púlpito se tornou um palco? 22
André Luís

Capítulo II: O evangelho da conveniência 42
Washington Porto

Capítulo III: A venda da Palavra 66
Anderson Macedo

Capítulo IV: O relativismo na Igreja 80
Anderson Fernandes

Capítulo V: O fruto da superficialidade 92
Adailton Santos

Capítulo VI: O culto à personalidade 112
Ranaan Camilo

Capítulo VII: Deus saiu do púlpito 130
Isaías Santos

Capítulo VIII: A tentativa de silenciar o Espírito 144
Marinaldo Alves

Capítulo IX: O púlpito e a cultura pós-moderna 174
Juliano Rodrigues

Capítulo X: O resgate da pregação bíblica 196
Genilson Travasso

Capítulo XI: O chamado do pregador segundo Deus 216
Israel Santos

Capítulo XII: O Espírito Santo e a autoridade na pregação 232
Josemias Samuel

Capítulo XIII: O chamado para uma nova reforma 248
Adson Reis

Considerações finais 267

Referências bibliográficas 271



INTRODUÇÃO

Há livros que nascem da serenidade da pesquisa e da quietude dos gabinetes. Este não é um deles. *Púlpito Corrompido* nasce de outro lugar, de outra temperatura espiritual. Surge do desconforto de quem já viu a glória se retirar lentamente de altares outrora cheios de vida; nasce das vigílias silenciosas em que pregadores e teólogos, entre eles os autores reunidos nesta obra, perceberam que algo grave estava acontecendo com a proclamação da Palavra no Brasil e além dele. Cada capítulo aqui apresentado carrega, em alguma medida, o peso desse diagnóstico e a responsabilidade de enfrentá-lo.

O leitor perceberá, desde as primeiras páginas, que este não é um tratado sobre tendências eclesiásticas nem uma análise sociológica do comportamento religioso contemporâneo. A própria seção intitulada *Um esclarecimento necessário* afirma isso com clareza: esta obra nasce com "dor e temor". Dor por testemunhar a deterioração espiritual de muitos púlpitos. Temor por tocar numa realidade sagrada, a pregação bíblica, que pertence exclusivamente ao Senhor da Igreja. Assim, o que o leitor tem em mãos é uma obra teológica, pastoral e profética, construída por autores que reconhecem o problema que denunciam e se colocam, com humildade, dentro dele. Ao longo dos treze capítulos, percebe-se uma linha que atravessa todos os textos: a convicção de que o púlpito não se corrompeu de um dia para o outro. Ele foi sendo desloca-

do. Trocaram-lhe as fundações; silenciaram-lhe a tensão profética; desconectaram-lhe da Cruz; dissolveram-lhe a natureza doutrinária. Em muitos lugares, como denunciam os autores, o púlpito deixou de ser altar para tornar-se palco; tornou-se um espaço de performance, de conveniência, de autopromoção e mercantilização da fé. O que deveria confrontar passou a entreter. O que deveria formar passou a agradar. O que deveria produzir arrependimento passou a estimular consumo religioso.

Essa constatação não aparece de modo isolado em apenas um capítulo. Ela forma o eixo que sustenta a obra inteira. Quando os autores tratam do fenômeno do "púlpito-palco" e do "Evangelho da conveniência", não o fazem com superficialidade, mas com profundo embasamento bíblico e atenção ao fenômeno pastoral em curso. Ao descreverem a venda da Palavra, o relativismo nos púlpitos, a substituição da doutrina pela sensação e o culto à personalidade, eles mostram que a crise é ampla. Ela não começa no estilo do pregador, mas na perda de temor; não começa na liturgia, mas no coração; não começa quando a estética muda, mas quando Cristo deixa de ser o centro.

Essa perspectiva aparece ainda mais claramente em um ponto recorrente entre os autores: cada um reconhece sua própria vulnerabilidade. Não há, nesta obra, a voz altiva de um juiz externo. Há homens que confessam que já foram tentados pelo pragmatismo, pela busca de aprovação, pela sedução da visibilidade, como o trecho contundente reconhece: "não há entre nós um único autor que não se veja também como parte do problema". Essa lucidez confere legitimidade espiritual ao livro. A denúncia, aqui, não vem do orgulho doutrinário, mas de uma consciência quebrantada.

Púlpito Corrompido não é apenas uma obra de denúncia. É também um chamado, e os autores fazem questão de enfatizar isso. Um chamado à restauração, ao retorno da centralidade das Escrituras, ao abandono da superficialidade, ao reencontro com a autoridade que não vem do carisma humano, mas do Espírito Santo. Um chamado

que exige coragem, porque implica confrontar estruturas, abandonar vícios ministeriais, renunciar a métodos que funcionam para a massa, mas não para Deus, e reabrir espaço para a vida devocional profunda que sustenta toda pregação fiel. Como afirmam logo no início, este livro é "convocação", não apenas aos pregadores, mas à Igreja.

É neste ponto que esta introdução precisa reconhecer um mérito desta obra: ela está alinhada à tradição histórica da Igreja que sempre denunciou, corrigiu e reformou. Cipriano, Crisóstomo, Tozer, Wilkerson, Stott, Piper — nomes mencionados ao longo dos capítulos — ampliam a discussão e mostram que não estamos diante de um problema moderno, mas de uma reincidência espiritual que se manifesta sempre que a Igreja troca o temor pelo espetáculo, a verdade pela conveniência, o discipulado pela autopromoção. A tradição patrística, os reformadores e os pregadores do século XX nos lembram, com firmeza, que a corrupção do púlpito sempre começa com a perda do Cristo que deveria ser proclamado. Contudo, a força deste livro não está apenas na crítica, mas na esperança que emerge de suas páginas. Ao afirmar que Deus ainda levanta homens e mulheres cheios do Espírito, ao reconhecer os milhares de pastores fiéis que continuam pregando com integridade, muitas vezes longe dos holofotes, esta obra recusa a narrativa fatalista. Há crise, mas há remanescentes. Há decadência, mas há resistência. E esta resistência, como os autores enfatizam, nasce no secreto: no joelho dobrado, na Bíblia aberta, na renúncia visível e invisível, no compromisso inegociável com a verdade revelada.

Como organizador teológico desta obra coletiva, posso afirmar que o leitor encontrará aqui vozes distintas, mas unidas pela mesma convicção: a de que o púlpito precisa voltar a ser altar. Não um altar idealizado, mas um altar de lágrimas, de verdade, de fidelidade bíblica, de confrontação amorosa e de absoluta dependência do Espírito Santo. Se, ao final desta leitura, o leitor sentir o mesmo peso que sentimos ao escrever e, ao mesmo tempo, a mesma esperança, então esta obra terá cumprido sua função.

Que estas páginas sirvam como diagnóstico e remédio; como advertência e consolo; como ferida necessária e como cura possível. Que cada capítulo reacenda no leitor o temor que protege a Palavra, a reverência que sustenta o ministério e a coragem que renova a pregação. E que, acima de tudo, Cristo seja restaurado ao centro — não apenas deste livro, mas de cada púlpito, de cada igreja e de cada pregador que ousar tratá-lo não como produto, mas como Senhor.

Pr. Anderson Macedo - Dr. em Teologia.